

## “Avivo no teu rosto, o rosto que me deste”: espelhos da identidade nacional no *Diário* de Miguel Torga

DORA NUNES GAGO  
Universidade de Macau<sup>1</sup>

O *Diário* do escritor português Miguel Torga (1907-1995) assume-se, indubitavelmente, como uma obra *sui generis* no seio dos “cânones” da escrita diarística. Assim, este diário, que abrange sessenta e um anos de vida, revela-nos, para além das vivências, sentimentos e percursos do seu autor, o seu olhar de observador atento do mundo, das teias da História que se foram construindo e rasgando ao longo de mais de meio século. Para além dos trajectos do “eu”, espelha-se o seu olhar face ao “outro”, que pode ser o seu conterrâneo ou os povos dos diversos países visitados, através das suas andanças como “geófago insaciável” pelos caminhos de Portugal e pelos diversos continentes. Todavia, esses países percorridos e conhecidos só adquirem sentido, configurados a partir do seu axis mundi: a aldeia natal, S. Martinho de Anta, e num sentido mais alargado, a sua pátria, tão amada, mas de um amor sofrido, crítico, tantas vezes desiludido e revoltado.

Deste modo, será na construção dos percursos identidade nacional num *Diário* *sui generis*, de teor descontínuo, híbrido e fragmentário, onde muitas vezes surge a poesia, que nos centraremos.

### **Os caminhos da identidade pessoal e nacional no *Diário***

Referiu António Arnaut que “no *Diário*, o verdadeiro herói é, sobretudo, o povo e a Pátria” (1992:12). Torga assume aqui, em toda a plenitude, a condição portuguesa, no duplo sentido telúrico e humano. Quem o lê – frisa Sophia de Mello Breyner – “percorre Portugal de lés a lés, o seu espaço telúrico, humano, e o espaço histórico e cultural” (citado por Herrero 1979:97). Por conseguinte, podemos considerá-lo, desde já, como o “auto-retrato de Portugal”.

Contudo, numa obra que abarca mais de meio século - o primeiro volume do *Diário* foi iniciado a 3 de Janeiro de 1932, quando o autor tinha apenas 25 anos, e o décimo sexto volume terminou a 10 de Dezembro de 1993 - marcada pelo amadurecimento do autor e diversos factores políticos e históricos que afectaram o país, é legítimo que se evidencie também uma evolução na presença da sua individualidade e na representação da pátria. Com efeito, enquanto nos primeiros volumes se espelha uma primazia da individualidade e identidade autoral, a partir dos anos 50, constata-se uma emergência mais nítida do tema da portugalidade, da sua essência, num esforço de identificação com o país de origem. Esta

---

<sup>1</sup> Dora Nunes Gago é professora de Literatura na Universidade de Macau, membro do IEMO, CETAPS - Universidade Nova de Lisboa e CLC - Universidade de Aveiro, Portugal.

antropomorfização de Portugal, transfigurado no corpo e na alma do autor é visível num poema intitulado “Regresso”, datado de 13/6/1960 onde refere o seu país como “Pátria magra – meu corpo figurado... / Meu pobre Portugal de pele e osso!...” (1999: 960). Esta simbiose identitária entre o poeta e a pátria acentua-se ainda mais em “Portugal”, escrito em 1963: “Avivo no teu rosto o rosto que me deste, / E torno mais real o rosto que te dou. / Mostro aos olhos que não te desfigura / Quem te desfigurou. / Criatura da tua criatura, / Serás sempre o que sou. // E eu sou a liberdade dum perfil / Desenhado no mar” (1999:1048). No entanto, esta fusão torna-se ainda mais intensa, teleológica, quando se restringe ao seu torrão natal, Trás-os-Montes, em 1987, com “identificação”: “Desta terra sou feito, / Fragas são os meus ossos. / Húmus a minha carne. / Tenho rugas na alma / E correm-me nas veias / Rios impetuosos. / Dou poemas agrestes. / E fico também longe / No mapa da nação. / Longe e fora de mão...” (1999:1602).

Nesta esteira, principiaremos por abordar o modo como vai germinando, nas páginas desta obra, a questão da identidade nacional, construída, geralmente, através do estabelecimento da diferença perante o “outro”, ou seja, o elemento estrangeiro, uma vez que o confronto entre povos pode assumir-se como um factor de autognose. Neste contexto, como refere Cristina Gil “a identidade nacional tem, portanto, na sua base um fenómeno gregário, que resulta de um desejo de reconhecimento (do indivíduo pelos seus pares), de associação (sentimento de fraternidade) e de protecção (segurança garantida pela nação aos seus membros)” (2008:17). Deste modo, a nação assume-se como uma unidade afectiva, uma realidade de vertente psicológica, fruto da acção humana. Segundo a mesma autora, Torga partilha de um conceito de nação-contrato, já preconizado por Renan na sua conferência *Qu’est-ce q’une nation?*, que, no entanto, o faz sentir-se “expatriado na própria terra”, visto que, por vezes se instaura uma espécie de abismo interior entre o poeta e os seus conterrâneos:

É duro atravessar a vida nesta situação de expatriado na própria terra. Porque a pátria não é a rua onde se encontram indivíduos que falam uma língua que eu entendo. É uma participação íntima nos pensamentos e obras desses mesmos indivíduos, que nunca tive e julgo que nunca terei. (Torga 1999:509)

Ao perspectivar a identidade nacional, Ana Cristina Gil apresenta os principais factores de teor sociocultural, linguístico, religioso, político e histórico nela envolvidos. (2006:82-107). Deste modo, ela assume-se como um fenómeno compósito, ou, por outras palavras, uma realidade multifacetada, constituída por um leque de elementos fulcrais: o território, o Estado, a Constituição, a língua, a etnia, a história, os mitos, a religião e também a arte.

Esta ideia da nação como conceito compósito é-nos apresentada por Torga, numa passagem de Setembro de 1941: “Uma nação passou a ser uma realidade geográfica e humana, com língua própria, costumes próprios, alfândegas próprias, e, acima de tudo, com um imponderável biológico e social, que, por mais que o estrangeiro faça, nunca chega a entender” (1999:149). Nesta linha, em 1949, num poema intitulado precisamente “pátria” transmite-nos a ideia da pátria

metaforizada sob a forma de uma rosa, dependente dos cuidados de um jardineiro, que, neste caso, simbolizará todos os portugueses: “Flor desenhada no jardim suspenso/ Que gravita no céu,/ É uma pinta de terra colorida; / Uma rosa de eterna despedida/ Que só vive da vida/ De cada devotado jardineiro./ Se desmaia no mapa, ressequida, / Tem de ser mais regada no canteiro” (Torga 1999:503).

Esta questão conduz-nos à da preservação da identidade nacional, da qual frequentemente, o autor se assume como “guardião”, percorrendo o país de lés a lés na demanda das marcas da autenticidade. Esta necessidade inexplicável de conhecer o país surpreende-o, por vezes, parecendo tratar-se de algo instintivo, quase irracional:

Pareço um doido a correr esta pátria. Do Gerês a Monchique e do Caldeirão a Bornes, não tenho sossego. [...] Talvez sem eu ter consciência disso, cultivo-me assim pelos olhos e pelos pés, no alfabetismo íntimo das cousas, expressivas na sua luz, no seu clima e no seu paralelo particular. (Torga 1999:303)

Impele-o uma necessidade cultural de experimentar cada palmo do território e da cultura nacional, de adquirir um conhecimento de experiência feito *in praesentia* e bem distinto do conhecimento teórico fornecido pela História ou pela Arqueologia, e não o nacionalismo, ou o mero “patrioteirismo”, já que “a realidade telúrica dum país, descoberta pelo método dum almocreve, é muito mais instrutiva do que trinta calhamaços de história, botânica ou economia” (1999:503). Nesta mesma passagem é enfatizada a importância de conhecermos aprofundadamente a nossa terra:

Mas conhecê-la por dentro, sem preconceitos de nenhuma ordem. Amá-la, sim, mas para objectivar-lhe tanto quanto possível os defeitos e as virtudes, para que o nosso afecto seja profundo e progressivo. [...] Uma radiografia profunda, que revele a solidez do esqueleto sobre o qual todo o corpo se mantém (Torga 1999:503)

Torga percorre Portugal e descreve-o física e culturalmente, reconhecendo-lhe os defeitos, as virtudes, delineando uma caracterização do “ser nacional”, assente em diversas antinomias e contemplando as suas várias linhas identitárias: o território, o povo, a cultura, a política, a história, os mitos e a religião e arte. É, pois atentando sucintamente às dimensões geográfica, social, cultural e política que seguiremos os passos do poeta pelos caminhos da identidade pessoal e nacional. No que concerne ao território, à paisagem física, notamos que o autor a humaniza, ama, descortinando-lhe todos os aspectos genuínos e mais autênticos. Desvendá-lhes os segredos, o enigma que torna cada região tão peculiar. Por isso, afirma:

Eu gosto da paisagem. Mas amo-a duma maneira casta, como vida, sem poder macular a sua identidade em descrições a vintém por palavra. Chego a uma terra e não resisto: tenho de me meter pelos campos fora, pelas serras, pelos montes, saber das culturas, beber o vinho e provar o pão. (Torga 1999:170-171)

Nota-se, por conseguinte, uma preferência pela ruralidade, pelas paisagens

graníticas e rochosas de Trás-os-Montes, seu “berço”.

Assim, a província transmontana é apresentada, de forma antropomórfica e mítica, recoberta de “ossos e ossos deste velho mito / que, sem terra, se chama Portugal” (1999:375) Deste modo, este espaço possui os seus “lugares sagrados e consagrados” (1999:1519), de que Torga se vangloria de ser um guia; as “aldeias sagradas” (1999:826) paisagens desmedidas, genésicas, convertidas em “poemas geológicos” (1999:1332). Consequentemente, esta paisagem impõe-se pela sua rudeza e ancestralidade, sendo nela que Torga encontra os símbolos dos valores preservados pelo povo (1999:1566), para, a partir daí “repensar Portugal” (1999:1365).

O Alentejo é outro espaço pelo qual Torga revela particular atracção, corroborada pelas diversas notas redigidas nesta região, sobretudo entre os volumes II e XIV do Diário, transmitindo-nos como características dominantes a vastidão, a imensidade, a virgindade genuína da terra, que lhe proporciona segurança e tranquilidade. Por isso, afirma, em Estremoz, em 1977: “Este Alentejo podia muito bem ser meu. O que lhe falta em altura, sobra-lhe em largueza. E ambas as dimensões me empolgam igualmente” (1999:1353). Então, embora haja uma identificação mais evidente com estas duas regiões, devido às suas paisagens descarnadas e despojadas, a verdade é que é o país inteiro o tal “Portugal nuclear”, distinto de uma “mátria” mais abrangente que é toda a Ibéria<sup>2</sup> que Torga ama e conhece minuciosamente (1999:1769), pois como afirma numa nota escrita em 29-5-1984:

De tanto amar esta pátria já nem sei às vezes distinguir nela o grande do pequeno, o belo do feio, as fragas do húmus. Aconchego os olhos num largo panorama de carrascos como se os deitasse num leito de feno. E graças a Deus que assim acontece, que do Minho ao Algarve toda a paisagem me sabe bem. Sou um dos poucos portugueses que se podem gabar de, sempre que como tal se identificam, o serem de Portugal inteiro (1999:1510)

No que concerne às questões sociais, notamos que Torga apreende o carácter, por vezes paradoxal, do povo português. Por seu turno, é precisamente da gente simples e genuína que o autor se sente mais próximo, como afirma, numa passagem datada de 11/4/1943:

Em Portugal já não existe aristocracia de nenhuma ordem. Isto é uma pobre nação nivelada na pobreza e na incultura. Mas há, infelizmente, uma perversão social que divide o país em duas raças. Os que têm a dignidade de sua condição e os que se envergonham dela. Por mim, sou dos primeiros. E até como artista cifro todo o meu sonho na revelação fiel da alma do povo de onde sai (1999:237)

Assim, como virtudes do povo português destacam-se a riqueza de amor e de esperança, a humildade e a generosidade. Por outro lado, embora os portugueses quando emigram revelem facilidade de integração, manifestam desrespeito pelo “outro”, pela diferença, condicionado também pelo regime ditatorial vigente na

---

<sup>2</sup> Como referiu o autor: “A minha pátria cívica acaba em Barca de Alva; mas a minha pátria telúrica só finda nos Pirenéus” (1999:282).

época, já que estas palavras datam de 1949, embora esta intolerância seja apresentada como um facto historicamente enraizado:

Povo de intolerantes, de tiranos, de torquemadas, nunca nenhum de nós pensou sequer que o homem, só porque o é, merece à sua volta um metro cúbico de respeito integral. E desde Afonso Henriques que ninguém aqui anda seguro. O católico queima o ateu, o liberal liquida o miguelista, o monárquico assassina o republicano, o fascista atormenta o democrata (1999:500)

Apesar de tudo, como afirma o autor, o povo cumpre a sua missão, mantendo a “meia dúzia de virtudes que através dos tempos lhe deram fisionomia própria” (Torga 1999:751), como é o caso do esforço, a honradez, a bondade, a disponibilidade emotiva, a solidariedade humana que lhe garantem “o travejamento nobre e robusto da pátria” (1999:751), visto que são esses os únicos valores que lhe asseguram a perenidade.

Assim, o povo apesar dos seus defeitos, mostra-se capaz de realizar a tarefa de preservar e renovar o país, através da sua força construtora, pois como refere: “Eu corro dos camponeses de Trás-os-Montes aos marítimos do litoral, a colaborar nas suas fainas e a esperar. Tenho a certeza que a história de Portugal continua” (Torga 1999:428).

Em contrapartida, as elites demitem-se da sua missão que deveria ser a de guias da massa popular.

Como podemos depreender do excerto anteriormente apresentado e da leitura do *Diário* em geral, segundo o autor, os detentores dos diversos poderes não cumprem as funções adequadas ao seu estatuto, em prol do desenvolvimento da nação, encerrando-se, no parasitismo, numa espécie de corrupta “torre de marfim” e esbanjando levianamente o trabalho:

O povo, fechado nos antolhos da sua fome milenária, só vê courelas e água de regar courelas. E os outros, os bem comidos e bebidos, e que por isso tinham obrigação de uma acuidade mais ampla, jamais tiveram verdadeiro carinho por esta pátria que sugam desde que ela existe. (1999:319)

Por conseguinte, a grandeza surge vinculada à simplicidade, à autenticidade, e não ao artificialismo superficial, muito menos ao poder. Esta ideia será, aliás, retomada, em 1977 (vinte e quatro anos depois), desencadeada pela leitura de revistas nacionais produzidas pelo “país alfabeto”, deixando transparecer uma acutilante crítica à elite cultural portuguesa, onde se generalizou a tolice, provocada pela irreflexão e pelo desnorte. Por isso, “contagiados do mesmo mal – o da irreflexão e do descomando –, estamos convulsivamente a tremer não sei que maleita social e a dizer coisas sem tino” (1999:1333).

Deste modo, as elites são sobretudo passivas, calculistas, conformistas, caindo num mimetismo grotesco e numa imitação desnacionalizadora e oca do estrangeiro.

Aliás, a atitude portuguesa face ao estrangeiro, na perspectiva de Torga é paradoxal, oscilando entre os complexos de inferioridade e superioridade – ora assumimos a

“inferioridade” e a “mediocridade” da nossa “condição portuguesa” (1999a:302) ora nos julgamos os melhores do mundo.

Por conseguinte, Torga ama a rudeza, o apego às tradições, a espontaneidade: “Portugal! É por sabê-lo tão pobre e atormentado que o amo tanto e o respeito tanto” (1999:562). Em contrapartida, não se limita a criticar, mas num sentido construtivo, aponta o rumo para a concretização da missão das nossas elites.

Constatamos que, paralelamente à reflexão sobre o passado e o presente de Portugal, o seu futuro também é problematizado, oscilando entre a desilusão e a esperança. Neste caso, o desencanto emerge, por exemplo, no seguinte comentário escrito a 8/5/1948: “Decididamente, fomos, somos e seremos um povo errado. Um povo que não encontra nem o seu destino, nem os seus homens” (1999:417).

A crítica é construtiva, visto que é assinalando os erros que se torna possível a sua superação e a construção de um país melhor, a partir das suas raízes e origens. O autor divide-se entre a emoção e a razão, reconhecendo os defeitos da pátria (atraso cultural, falta de liberdade, provincianismo), construindo um Portugal à sua imagem.

Relativamente à História e ao passado, Torga tem uma posição contraditória, reconhecendo, simultaneamente o eufórico e o disfórico da história, reconhecendo, paralelamente a importância dos mitos nacionais.

Assim, o herói convertido em mito é um exemplo, um traço de união para a comunidade, em torno da sua história comum. Os mitos nacionais alimentam a consciência colectiva, como se evidencia, numa anotação localizada em Sagres, a 6/8/1976, alusiva à ausência do Infante: “Agora, que não temos História, o recurso é olhar esta grandeza assim, ao natural. Mas que falta lhe faz o herói! Que falta fazem os mitos, afinal!” (1999:1322).

No que concerne ao seu posicionamento político, durante o período em que o país se encontrou mergulhado na ditadura, Torga sempre se opôs ao regime, defendendo a igualdade de direitos e a liberdade. Esta sua posição de “Orfeu rebelde” custou-lhe uma passagem pela cadeia do Aljube (em 1939), após a publicação de *O Quarto Dia da Criação do Mundo*, a censura das suas obras e a proibição de sair do país, durante um determinado período de tempo. No entanto, esta defesa da liberdade, não passava pelo abandono, nem pela aniquilação da portugalidade.

### **A busca da identidade além-fronteiras**

É essa essência do “ser português” que o autor também procura no estrangeiro, sobretudo, nas ex-colónias, como sucederá no Brasil, quando o revisita em 1959, e posteriormente também em Angola e Moçambique, quando os visita em 1973. Um dos objectivos desta viagem a África para o “eu”, é a procura de si mesmo nos outros, da identidade a partir da diferenciação. Além disso, é a busca de um “Portugal mítico universal e humanista transplantado” (Silva 1994:468) para aquelas paragens e a procura de um sentido para a história colonial e para o futuro que o movem. Por outras palavras, o narrador pretende seguir as pegadas dos descobridores portugueses e encontrar as grandes obras justificadoras da presença

de Portugal em África. Por conseguinte, impulsiona-o a ânsia de, num misto de curiosidade e angústia, “contemplar os cenários das nossas grandezas passadas e das nossas misérias presentes” (1999a:572). Evidencia-se *a priori* o tópico da oposição entre o apogeu do passado e o declínio do presente. É, então, com esta expectativa que o narrador parte. Neste contexto, na primeira anotação, localizada em Luanda a 18/5/1973, o viajante explica igualmente o motivo daquela viagem há muito ansiada, aludindo a um “impulso irreflectido” e à “crepuscular premonição de um adeus eterno” (1999:1246). Portanto, num momento de grande incerteza nacional, interessa-lhe proceder a uma espécie de diagnóstico sócio-político. Todavia, posteriormente, a desilusão é flagrante e o ambiente bélico que domina as colónias portuguesas impressiona o poeta.

Em Luanda, especifica o grande erro cometido pelos portugueses, visto que para evitar aquele descalabro bastaria: “Que cada um dos que vieram mar fora trouxesse a convicção de que ser angolano, moçambicano, guinéu ou timorense eram maneiras heterónimas de ser português” (1999:1254). Assim, é a um sentimento de superioridade, aliado ao oportunismo, à mesquinhez, ao egoísmo, que se deve a inexistência de um projecto colectivo, susceptível de integrar os indígenas e os colonizadores na construção de uma sociedade justa e harmoniosa.

Em Moçambique, a realidade observada assemelha-se à já apreendida em Angola. O visitante percebe a resistência do nativo face ao colono, os sintomas segregacionistas traduzidos na hostilidade do “outro” em relação ao “eu” e aos que se integram na sua cultura de origem. Simultaneamente, sente a completa incomunicabilidade face ao estrangeiro (que nenhum gesto ou atitude podem atenuar), enraizada na própria História, nas vivências de todo um passado de opressão e incompreensões: “Entre mim e aqueles irmãos de espécie abria-se um abismo intransponível com quinhentos anos de largura. Desse as voltas que desse, eu era ali um inimigo” (1999:1256).

A única excepção é a Ilha de Moçambique, que ultrapassa as suas melhores expectativas, acendendo-lhe o orgulho de ser português. Através do seu discurso constatamos que, nesta ilha, reina a fraternidade, a comunhão tão ansiada de raças, culturas e religiões, visto cada um ter dado o melhor de si, ultrapassando os próprios limites. Por isso, foi atingido um reconfortante paradigma de organização social. Neste contexto, o protagonista revela claramente o seu deslumbramento perante a realidade desse local (um autêntico *locus amoenus*) que parece utópico. Constata-se, finalmente, o reencontro com uma pátria sonhada e procurada: “Aqui sim. Aqui a pátria chegou e sobrou. Aqui todos os que vieram se transcenderam, deram o melhor de si, mereceram a aventura e a glória. [...] Ah, génio lusiada, quando acertas!” (1999:1257).

De regresso à terra-mãe, escreve de forma bastante significativa: “Quanto mais longe vou, mais perto fico/ De ti, berço infeliz onde nasci” (1999:1261). Emerge, pois, novamente a profunda relação do homem com a raiz, a forte envolvência telúrica.

Posteriormente, em 1987, é no Oriente, mais especificamente em Macau e Goa que Torga procurará as pegadas da cultura e da identidade portuguesa.

A partir das passagens redigidas em Macau, constatamos que o “eu” pretende prosseguir a sua demanda de mais alguns recantos de Portugal e de si próprio, tentando verificar de que modo se sentia português no Oriente, como escreve a 6 de Junho de 1987: “Cá estou. Português até aos últimos confins de Portugal” (1999:1578). Nesta esteira, constatamos que ele não se consegue distanciar dos seus pontos de referência, procurando naquele território estrangeiro a projecção da pátria. Porém, é incapaz de a encontrar, pois depara-se com uma sociedade onde a maioria das marcas coloniais se desvaneceram, não se fala português e a religião dominante é a budista, visto a população ser maioritariamente chinesa. Por isso: “Procura-se Portugal angustiadamente e não se encontra, apesar de as ruas terem nomes de figuras nacionais e de a estátua de Vasco da Gama se erguer a dois passos do hotel” (1999:1588).

Do mesmo modo, também em Goa a língua e a cultura portuguesa parecem esquecidas: “De Portugal, nestas terras, em termos concretos, só restam igrejas e baluartes” (1999:1589).

Em suma, através do confronto com o espaço estrangeiro e o “outro”, neste caso em países onde Portugal deixou as suas marcas, o autor procura (embora por vezes em vão) as formas “heterónimas” de ser português, buscando no exercício da alteridade as linhas definidoras da identidade.

### **As malhas identitárias tecidas pela História**

A revolução de Abril semeou inicialmente algumas breves ilusões em Torga (1999: 1297) mas depois diversos aspectos desencadearam a desilusão, a sensação de que os ideais de liberdade e igualdade pelos quais lutou foram traídos, através do seu pungente “lamento”: ”Pátria sem rumo, minha voz parada / Diante do futuro! / Em que rosa-dos-ventos há um caminho / Português?// [...] Ah, meu povo traído, / Mansa colmeia / A que ninguém colhe o mel!.../ Ah, meu pobre corcel/ [...] A choutar nesta praia do Ocidente” (1999:1311).

Neste caso, é com a voz da pátria que ninguém ouve que o poeta se identifica, perante a perspectiva de um futuro incerto e nebuloso face à inércia de um povo, incapaz de encontrar o caminho certo para desenvolver o país, como foi feito pelos antepassados. Por conseguinte, os portugueses, essa “mansa colmeia”, parecem condenados à mediocridade e ao abandono na cauda da Europa.

O diarista revela-nos a sua preocupação com a instabilidade do país, com a pobreza cultural, agravada pelo longo período ditatorial e pela inércia dos governantes que, de modo demagógico, prometem melhorar a situação, sem que tal suceda.

A mesma nostalgia e preocupação habitam o poema “Pátria”, escrito a 28/4/1977, que esboça o retrato do país, ao longo de oito séculos de existência, exaltando-lhe os êxitos e constatando o desmoronar do império:

Foste um mundo no mundo, / E és agora / O resto que de ti / Já não posso perder: / A terra,  
o mar e o céu / Que todo eu / Sei conhecer. // Foste um sonho redondo, / E és agora / Um  
palmo de amargura / Retornada. / Amargura que em mim / Também nunca tem fim, / Por  
ter sido comigo baptizada. // Foste um destino aberto, / E és agora / Um destino fechado. /



Destino igual ao meu, amortalhado / Nesta luz de incerteza / E de certeza / Que vem do sol presente e do passado. (1999:1335).

Neste caso, a aliança entre a pátria e o poeta é de novo evidente, já que em ambos habita a amargura, uma espécie de antinomia entre um passado glorioso e um presente decadente e, além do mais, partilham o mesmo "destino amortalhado". A mesma ideia de uma condenação eminente espelha-se, um mês depois, ao desabafar: "Á medida que o tempo passa mais agónicas são as horas. A saúde piora, a pátria desintegra-se, a solidão aumenta" (1999:1336).

Do ponto de vista cultural, constata-se a crítica à perda da autenticidade, à imitação do estrangeiro, sendo condenado na literatura o francesismo e a imitação de outros modelos estrangeiros. Além disso, essa tendência, paralela à mediocridade reflecte-se também na arquitectura e em todas as artes em geral.

Por isso, inquieta-o a perda de genuinidade e a descaracterização que afectam algumas paisagens que a importação de modas estrangeiras adultera, substituindo a arquitectura rural tradicional. Tal facto é visível numa anotação datada de 22/12/1975, onde afirma que não resistimos à avalanche emigratória devido à falta de casticismo, segurança anímica e "imunidade cultural", por isso "degradados na própria inocência, somos hoje um mostruário de tintas e a vergonha dos olhos" (1999:1314).

Por outro lado, num registo datado de 30/5/1982, Torga refere a proliferação de grupos culturais pelo país, que parecem norteados por uma certa ânsia de procurar as raízes. Todavia, este interesse, segundo o autor, reduz-se a um ilusório renascimento, visto que: "Perdido o sentido da História, toda a reidentificação colectiva não passa de um tropismo obstinado da memória" (1999:1461).

Por seu turno, o diarista revela alguma preocupação e desconfiança devido à entrada de Portugal para a Comunidade Económica Europeia, receando que o nosso país, como refere em 1991: "receba diariamente ordens alheias de cultura e cultivo, e seja obrigatoriamente transformado num eucaliptal" (1999:1718). É, então, ainda na sequência desta preocupação que o autor se opõe à regionalização que, segundo ele, provocaria uma desintegração da identidade nacional, mutilando-a. (1999:1722-1731).

É novamente o receio da perda da identidade, da liberdade, da individualidade histórica e cultural que emerge, quando o autor ergue a sua voz contra o tratado de Maastricht, afirmando:

Tenho por certo que Maastricht há-se ser uma nódoa indelével na memória da Europa, envergonhada de, no curso da sua gloriosa história, ter trocado neste triste momento o calor do seu génio criador pela febre usurária e, nas próprias assembleias onde prega a boa-nova das regras comunitárias, fintar de mil maneiras os parceiros. (1999:1740)

Esta posição é ainda reiterada no discurso de agradecimento do prémio "Figura do Ano" (8/7/92), onde considera Maastricht como uma irresponsabilidade da Europa e uma traição à nossa identidade (1999:1745); no discurso de agradecimento do Prémio Montaigne (1999:1752) e também quando o Tratado entra em vigor

(1999:1778). A Europa é representada como um elemento cilindrador da nossa cultura e identidade, transparecendo o receio da alienação económica e cultural, movida pelos interesses económicos niveladores. Emerge a oposição entre um Portugal vulnerável, subserviente, e a Europa poderosa e dominadora.

Neste último volume (o XVI), constatamos que as notas motivadas pelas digressões ao ar livre, a desvendar novos horizontes, pelas estradas de Portugal e do mundo, são radicalmente substituídas pelo cenário do seu escritório. Condenado à imobilidade, Torga refugia-se numa mais profunda interioridade e reflexividade, perspectivando o mundo em constante mudança, entre quatro paredes. Porém, o seu interesse pelo exterior não diminui. Aliás, como já havia escrito: “O meu espaço de liberdade é o mapa de Portugal subentendido na folha de papel onde escrevo” (1999:1280). E, nesta esteira, surge-nos um outro conceito de “pátria” ainda não referido, e que ultrapassa a territorial. À semelhança do que já preconizara Fernando Pessoa, também Torga considera como sua pátria a Língua Portuguesa, como explicita numa passagem datada de 14/11/1966:

Pessoa sabia: a língua é uma pátria. A pátria dum escritor, pelo menos. Pátria que não herda passivamente de qualquer providencial Afonso Henriques, mas activa e penosamente constrói dia a dia, unindo no tempo o seu corpo disperso. [...]

Sim, a língua é uma pátria, e como consola lembrá-lo em certas horas! Enche o coração de paz a certeza de que nenhuma marginalidade margina os cultores da palavra, centros geográficos da nação, queiram ou não os imperadores do silêncio. (1999:1094-1095)

Deste modo, o amor à terra portuguesa expande-se à língua, materializando-se neste *Diário* através da escrita autêntica, mas depurada e, muito particularmente, da poesia. Será pois esta a última “pátria” onde a identidade se projecta.

Nesta esteira, no *Diário*, a análise do “eu” não se sobrepõe à análise da realidade circundante, ambas se fundem e se interpenetram. Isto porque a escrita de Torga, como acto primordial, ontológico que é, germina nas fragas profundas do seu ser, autêntica e única (pois quanto mais autêntica, mais universal). O seu vasto conhecimento da terra, da cultura da História, da literatura nacional e mundial é apenas um “meio” e nunca um fim.

### **Conclusão**

Contendo o “plasma matricial da pátria”, o *Diário* assume-se como um mapa físico e espiritual de Portugal, assinalado por marcos geodésicos que são referências morais da nação, onde se reflecte, através de uma espécie de “jogo de espelhos” a própria condição portuguesa, vivida e escrita pelo incansável poeta-viajante que garantia: “conheço de tal modo a terra portuguesa que tenho a impressão de que a saberia distinguir de todas as outras do mundo só pelo tacto” (Torga 1999:900).

Por outro lado, a fusão atingida entre a sua identidade pessoal e a nacional, entre ele e o Portugal antropomorfizado, vai ganhando contornos cada vez mais nítidos, pois como o autor afirma: “Foi a procurar entendê-lo que compreendi alguma coisa de mim” (1999:1631). Além disso, a busca da sua identidade e do

seu país ultrapassou fronteiras, visto que o procurou também no estrangeiro, particularmente nos países lusófonos. Isto porque tudo o que é genuíno, autêntico e humano não tem limites, por isso o universal é o local desprovido de muros.

Como o narrador afirma: “Não tenho fronteiras espirituais, mas trago gravados nos cromossomas os marcos da minha freguesia e a fisionomia dos meus conterrâneos” (1999:1749). Além disso, ainda refere: “Do meu Marão nativo abrange-se Portugal; e de Portugal, abrange-se o mundo (1999:1737). Assim, apesar de todos os locais visitados e revisitados, dentro e também fora do país, da importância conferida a muitos deles, aquele cuja “sacralização” é mais intensa, o seu verdadeiro “axis mundi” é a sua aldeia natal, mitificada, que usufrui de um estatuto ontológico único no universo privado do sujeito. Pois: “S. Martinho foi o lugar de onde” (1999:1683).

Torga procura, assim, a sua verdade e a dos outros, a sua unidade e identidade através do percurso incansável pelo seu país, mas também do confronto com o elemento estrangeiro, num processo de alteridade, através dum vaguear incessante entre pólos opostos, conciliando tendências filosóficas existencialistas e o culto pelas forças primordiais da natureza. Por outras palavras, busca, incansavelmente, nas outras pátrias o seu rosto e o rosto do seu país, uma vez que: “As pátrias são espelhos gigantescos onde se reflecte a pequenez dos filhos. À nossa medida, herdamos-lhe a dimensão. E a singularidade” (1999:1631). Por isso, a aliança, a fusão com Portugal emerge repetidamente, pois, tal como refere na passagem localizada no alto do castelo de Elvas: “[...] a contemplar [...] os seus horizontes é que vi até que ponto a linha da raia desenhada na planura era a fronteira do meu cartão de identidade” (1999:1325). É ainda a ânsia de universalidade, de humanidade e o seu olhar fraterno face ao “outro”, a sua posição simultânea de português e de cidadão do mundo, de conciliador de culturas, que o leva a afirmar: “Entre o Oriente e o Ocidente, não escolho. Todo o mundo me pertence, porque eu também não escolho entre a Ursa Maior e a Menor. Como homem e como português, o que me interessa saber é quem dá à vida mais dignidade e pureza” (1999:408).

Assim sendo, entrelaçando a identidade pessoal com a nacional, o *Diário* de Miguel Torga ultrapassa em profundidade a superfície do individual, penetra nas profundidades, não apenas da “portugalidade” mas da própria essência humana, universal, permanecendo com a inteireza da sua mensagem cívica, além-tempo e além-fronteiras, como tudo o que é verdadeiramente genuíno, original e incorruptível.

### **Bibliografia**

- Arnaut, António (1992), *Estudos torquianos*. Coimbra: Ed. Fora do texto.
- Dias, Jorge (1990), “Os elementos fundamentais da cultura portuguesa”, *Estudos de Antropologia*, vol. I, Lisboa, INCM.
- Fernandes, Luís Martins (2011), *Expressões da Identidade Nacional em Miguel Torga*. Lisboa: FCG/FCT, col. Textos universitários de Ciências Sociais e Humanas.

- Gago, Dora Maria Nunes (2008), *Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga*. Lisboa: FCG/FCT, col. Textos universitários de Ciências Sociais e Humanas.
- Gil, Ana Cristina Correia (2006), *A Identidade Nacional na Literatura Portuguesa: de Fernão Lopes ao fim do século XIX*. Dissertação de doutoramento em Cultura Portuguesa, texto dactilografado, s. l., Universidade dos Açores.
- Gil, Ana Cristina Correia (2008), "Torga e os labirintos da identidade nacional" *Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga*, (org. Marinho, Fátima). München: Meidenbauer, 15-30.
- Herrero, Jesus (1979), *Miguel Torga, Poeta ibérico*. Lisboa: Ed. Arcádia.
- Lopes, Teresa Rita (1993), *Miguel Torga: Ofícios a "Um Deus de Terra"*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Lopes, Teresa Rita (1997), "Torga e a portugalidade", Fagundes, Francisco Cota (org.), *"Sou um homem de granito": Miguel Torga e o seu compromisso*. Lisboa: Edições Salamandra, 369-381.
- Pereira, José Carlos Seabra (2005), "Fogo Preso sobre Portugal (identidade nacional e identidade pessoal em Torga)", Ponce de Leão, Isabel (org.), *Um Mortal que torceu mas não quebrou (homenagem a Miguel Torga)*, Porto: Edições Univ. Fernando Pessoa, 171-181.
- Pereira, José Carlos Seabra (2005), "Identidade autoral e identidade nacional em Miguel Torga", *Miguel Torga e a Literatura Intimista - Actas do Colóquio*. Coimbra: Camara Municipal de Coimbra, Departamento de Cultura, PAGES?.
- Silva, Raul Calane (1999), "Moçambique na África de Miguel Torga", *Aqui, Neste Lugar e Nesta Hora*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 468-473.
- Torga, Miguel (1999), *Diário* (publicação integral em dois volumes: I: vols. I-VIII; II: vols. IX-XVI), 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Torga, Miguel (1999a), *A Criação do Mundo*, 2.<sup>a</sup> ed. conjunta, Lisboa: Publicações Dom Quixote.